

# Infiltrações e descaso

A especialista em museologia do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (Depha), Ana Frade, afirma que o MAB não segue nenhuma das recomendações de funcionamento dos museus. "A razão primeira de um museu é a salvaguarda com qualidade do acervo, o que não acontece no MAB", disse. Ela endossa a opinião de que o subsolo do prédio é o ponto crítico do lugar. O MAB abriga obras de grandes artistas brasileiros, como os modernistas Aldeir Martins, Amílcar de Castro e Tomie Ohtake, além dos contemporâneos Babinski, João Câmara e Claudio Tozzi.

Os descuidos com o MAB também estão expressos nos trabalhos de artistas de Brasília. O curador do museu, Bené Fonteles, utilizou uma placa de sinalização de obras, usada no meio da rua, em um dos salões de exposição. Já o artista Elyeser Sturm aproveitou a infiltração no teto para fazer uma instalação, usando apenas fitas de isolamento. Sturm prendeu as fitas de interdição ao redor da área prejudicada.

Criado em 1985, o acervo do MAB foi basicamente formado por doações. O museu foi montado originalmente em um anexo do Brasília Palace Hotel. Sem condições de funcionamento desde a sua inauguração, o MAB teve as portas fechadas em outros momentos, nos governos de Cristovam Buarque e Joaquim Roriz. (ECG)